

Latino-americanos ameaçam não pagar dívida

Roberto Garcia

ACAPULCO — Os presidentes de oito países que representam 80% da população latino-americana denunciaram ontem seus credores internacionais e exigiram melhores termos para o pagamento da dívida. Eles afirmaram que daqui para a frente sua primeira prioridade será o bem estar de seus próprios povos e prometeram atuar coordenadamente para manter seus regimes democráticos, consolidar a paz e voltar aos altos níveis de crescimento econômico.

Usando retórica forte, incomum em encontros de chefes de Estado, os oito presidentes deixaram claro que precisam de financiamento substancial dos juros da dívida externa a vencer nos próximos anos. Se os credores não estiverem dispostos a refinanciar esses juros, os pagamentos serão suspensos, disseram eles.

Numa sucessão de discursos em que demonstraram unanimidade, os presidentes do México, Argentina, Brasil, Venezuela, Peru, Panamá, Uruguai e Colômbia notaram que a América Latina está perdendo financiamentos, investimentos e mercados e culpavam os desequilíbrios das economias industrializadas por essa situação. José Sarney, por exemplo, lembrou que até 1960 diversos países latino-americanos estavam à frente ou empatados com o Japão e tinham rendas per capita superiores às da Áustria, Itália e Espanha. Hoje, reconheceu ele, a América Latina regrediu.

— Cada um de nós assiste aos efeitos adversos de uma situação internacional para cujo desenho não contribuimos, mas que se abate sobre nós — disse o presidente brasileiro. Frases semelhantes seriam repetidas por todos os seus colegas. Sarney disse que não queria transferir responsabilidades e que o país não repudiaria seus compromissos. Apesar disso, afirmou, “é indispensável que a América Latina volte a crescer; nenhum governante que responda à vontade popular pode afastar-se dessa imposição histórica”.

Dizendo que “acabou a era de esperar de fora a ajuda salvadora, o presidente disse que “a dívida, o abandono, o baixo preço das matérias-primas, os juros, as sanções, as retaliações; tudo indica que não devemos ter ilusões”. Diante desse quadro, ele indicou que a saída era a integração. Num gesto aplaudido pelos participantes da reunião, ele disse que “o Brasil volta-se para seus vizinhos, o Brasil dá as mãos a seus irmãos e deseja crescer com eles”.

Tecnologia — Tanto Sarney quanto seus colegas disseram que no futuro o mundo estará dividido entre os que produzem tecnologia e os que se limitarão a consumi-la. Eles prometeram cooperação inter-americana para pesquisa e produção de ciência e tecnologia para resolver os problemas complexos da sociedade contemporânea.

Em seu conjunto, os países representados pelos oito presidentes têm US\$ 400 bilhões de dívida externa e, se decidirem atuar em bloco diante dos credores, seu peso seria respeitável. Até agora, isso não aconteceu. Com grande habilidade, os governos e bancos dos países industrializados evitaram que os devedores negociassem suas dívidas simultaneamente para dividi-los. Assim, quando um governo estava iniciando suas negociações outro já as tinha concluído e tentava tomar distância de seus vizinhos.

Em 1982, por exemplo, membros da equi-

pe econômica brasileira aproveitavam todas as oportunidades que tinham diante de seus credores para lembrar que os empréstimos concedidos ao Brasil tinham sido usados produtivamente. Eles ressaltavam que a mesma coisa não podia ser dita pelos demais países latino-americanos. O ex-ministro Delfim Netto foi ouvido várias vezes referindo-se aos “cantinflas mexicanos” quando falava com banqueiros em Nova Iorque. Os mexicanos, por sua vez, tentavam tirar proveito de sua contiguidade com os Estados Unidos e da estabilidade de seu regime, ridicularizando a fragilidade dos governos militares da Argentina e do Brasil.

Atitudes desse tipo estão ficando cada vez mais raras. “Na adversidade, estamos percebendo que nossas divisões são aproveitadas pelos países industrializados. Começamos a nos conhecer melhor, a nos respeitar e agora sabemos que a salvação está na união”, disse o chanceler argentino Dante Caputo.

Evolução — Para a mudança dessa atitude, foi necessária grande evolução na política tradicional dos oito países. Apesar de fortes resistências do Itamarati a qualquer envolvimento nas negociações de base na América Central, hoje o Brasil é membro ativo no Grupo de Apoio a Contadora. Para o Brasil comprar mais trigo da Argentina e dessa forma intensificar o processo de integração com aquele país, foi preciso vencer resistência da burocracia do Ministério da Agricultura e dos tricultores do Rio Grande do Sul. Além disso, para comprar petróleo e gás da Argentina, foi necessário superar um verdadeiro veto do Estado-Maior das Forças Armadas, sempre desconfiado de qualquer medida que tornasse o Brasil dependente de sua vizinha do Sul no campo delicado do suprimento de energia.

Em sua maior parte, o setor empresarial brasileiro continua indiferente às oportunidades do mercado argentino. Por causa disso, desde a assinatura do acordo de integração entre os dois países, o comércio bilateral aumentou apenas 30%, sem conseguir ainda recuperar os altos níveis alcançados na virada da década, disse um diplomata brasileiro.

Isso demonstra que a distância entre a retórica integracionista e a realidade ainda é grande. Trinta por cento das importações e exportações tanto do México quanto do Brasil estão dirigidas para os Estados Unidos. Apenas 6% das exportações do Brasil vão para o México.

Com o estímulo do presidente americano Lyndon Johnson, os chefes de Estado latino-americanos proclamaram, numa reunião em Punta del Este em 1967, sua intenção de formar um mercado comum em 20 anos. Esse prazo expira agora, mas a meta parece tão remota quanto antes.

☐ Vinte e nove famosos intelectuais latino-americanos assinaram no México um apelo dirigido aos presidentes do México, Brasil, Colômbia, Venezuela, Argentina, Peru, Panamá e Uruguai — que se reúnem esse fim de semana em Acapulco — para deterem a sistemática destruição das florestas e das reservas naturais do continente. Gabriel García Márquez, Octávio Paz, Mario Vargas Llosa, Jorge Amado, Ernesto Sabato, Adolfo Bioy Casares e Juan Carlos Onetti afirmam na carta-aberta, que “as florestas do Brasil, Guatemala e México estão sendo derrubadas para produzir pasto e alimentar gado que será exportado e convertido em hamburguers em lojas fast-food nos Estados Unidos”.